

O ACENTO, MAIS UMA VEZ

Leda Bisol*

ABSTRACT: *This paper revises my proposal about the stress in Portuguese, in the line of Halle and Vergnaud, (1994). It will be interpreted in the Hayes model, showing that the syllabic trochee is the more general rule invoked in the organization of the feet whereas the moraic trochee is the specific one.*

1 Introdução

A proposta de análise do acento primário do português (1994) na linha de Halle and Vergnaud (1987), reinterpretada à luz de Hayes (1995), só tem uma versão: o pé específico é o troqueu mórico; o pé geral, o troqueu silábico cujo elemento forte tanto pode ser uma sílaba leve quanto uma sílaba pesada. Sem entrar em discussões maiores, este breve artigo tem apenas a intenção de trazer esclarecimentos para evitar leituras equivocadas. Revisemos alguns pontos básicos da teoria de Hayes:

Segundo Hayes (1955), a estrutura métrica universal assenta-se basicamente em dois pés métricos, o iambo e o troqueu, os quais estão diretamente relacionados a características prosódicas da língua. Línguas com contraste de intensidade privilegiam o troqueu e línguas com contraste de duração privilegiam o iambo. A isso denominou Lei Iâmbico-Trocaica.

(1) Lei Iâmbico-Trocaica

- i. Elementos que contrastam em intensidade naturalmente formam grupos com proeminência inicial
- ii. Elementos que contrastam em duração naturalmente formam grupos com proeminência final.

Embora essa lei não seja constituída de primitivos, como diz o autor, mas de *regras preferidas*, tem por pressuposto que línguas como o português, em que a intensidade estabelece contrastes (*dúvida, duvída; sábia, sabia, sabiá*), tem o troqueu como uma de suas manifestações prosódicas básicas.

* Professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

O troqueu, pé binário de cabeça à esquerda, consubstancia-se por meio de três formas:

- i) troqueu mórico, formado de duas sílabas leves ($\uparrow \uparrow$);
- ii) troqueu mórico formado de uma sílaba pesada (-);
- iii) troqueu silábico, formado de duas sílabas independentemente de serem ramificadas ou não ($\sigma \sigma$).

Com isso em mente, atentemos para o acento primário que identifica a palavra lexical, deixando de lado o secundário que também se manifesta no português, mas que, por abranger muitas vezes unidades maiores do que a palavra lexical, tem sido considerado uma atribuição pós-lexical.

Movidos pelo fato de que o português é sensível ao peso da sílaba final, - em detalhado levantamento nos cinco volumes que compõem o Dicionário Caldas Aulete, foi verificado que têm acento final 78% das palavras acabadas em consoante, - vamos, preliminarmente, partir da idéia de que o troqueu mórico é o pé básico do português. E no conjunto de palavras que recebem acento por peso, vamos incluir as palavras acabadas em vogal do radical que, pressupomos acabadas em C, consoante abstrata, preenchida no processo derivacional, como em *café* > *cafeteira*; *pé* > *pedal*, que é apagada por convenção na palavra simples, porque não recebe traços fonéticos. O português que possui também um número relativamente limitado de palavras proparoxítonas, está sujeito, como o espanhol, à Restrição das Três Janelas, não permitindo que o acento extrapole a terceira casa: *Lúcifer*, mas *lucíferes*; *júnior*, mas *juniores*. E, por fim, com respeito aos dados, vale lembrar a predominância de palavras paroxítonas.

1 Versão preliminar : análise mórica

(2) Regras de Acento

- i) Atribua extrametricidade a itens lexicalmente marcados.
- ii) Da direita para a esquerda, forme, não-iterativamente, um pé mórico do tipo (-)ou ($\Upsilon \Upsilon$).
- iii) Promova o cabeça mais à direita a acento da palavra (Regra Final)

(3) a. pomar ca feC ca sa pa re de
 \Leftrightarrow \Leftrightarrow $\Upsilon \Upsilon$ $\Upsilon \Upsilon$
 Linha 0
 (*) (*) (* .) (* .) Linha 1 (2ii)
 (*) (*) (*) (*) Linha 2 (2iii)

b. al to po len ta pe des tre car tei ro
 $\Leftrightarrow \Upsilon$ $\Upsilon \Leftrightarrow$ Υ $\Upsilon \Leftrightarrow$ $\Upsilon \Leftrightarrow$
 Υ Linha 0
 (*) (*) (*) (*) Linha 1(2ii)
 (*) (*) (*) (*) Linha 2(2iii)

| | | | | | |
|---------|------------|-----------|-----------|-----------|------------------|
| c. | lí der | ca rá ter | lá pis | ho mem | |
| | <μ> | <μ> | <μ> | <μ> | Extrametricidade |
| | Υ Υ | Υ Υ Υ | Υ Υ | Υ Υ | |
| Linha 0 | (* .) | (* .) | (* .) | (* .) | Linha 1(2ii) |
| | (* .) | (*) | (*) | (*) | Linha 2 (2iii) |
| | | | | | |
| d. | a bó.bo.ra | pé ta la | ró tu lo | Ró mu lo | |
| | <σ> | <σ> | <σ> | <σ> | Extrametricidade |
| | Υ Υ Υ | Υ Υ | Υ Υ | Υ Υ Υ | |
| Linha 0 | (* .) | (* .) | (* .) | (* .) | Linha 1(2ii) |
| | (*) | (*) | (*) | (*) | Linha 2(2iii) |
| | | | | | |
| e) | fós.fo. ro | lâm pa da | vér.ti.ce | pór ti co | |
| | <σ> | <σ> | <σ> | <σ> | Extrametricidade |
| | ↔ Υ Υ | ↔ Υ Υ | ↔ Υ Υ | ↔ Υ ↔ | ↔ Υ Υ |
| Linha 0 | (*) | (*) | (*) | (*) | Linha 1(2ii) |
| | (*) | (*) | (*) | (*) | Linha 2 (2iii) |

As palavras do tipo (3c) têm no léxico o indicativo de mora final extramétrica, enquanto as palavras do tipo (3d,e) tem o indicativo de extrametricidade na sílaba final.

Palavras do tipo representado em (3 a) são descritas com plenitude, pois não há, no âmbito do acento, sílabas fora da estrutura métrica. Todavia palavras do tipo (3b), que recebem acento pelo peso de uma sílaba não final, deixam fora da estrutura métrica uma sílaba que, de acordo com a teoria, é anexada diretamente à palavra. As palavras do tipo (3c) englobam na estrutura métrica todo o seu material fonético, uma vez que a mora final, automaticamente, reaparece junto à sílaba de que faz parte, interpretada como fraca pelo acento. Também as palavras do tipo (3d) são felizes em sua organização métrica, mas deixam o extramétrico fora do pé. Note-se que o extramétrico na teoria de Hayes tem um status diferente das teorias métricas que a precederam, pois somente é incorporado ao pé precedente se for membro fraco de um pé previsto; nos demais casos, como acontece em (3d,e), é incorporado diretamente à palavra da mesma forma que uma sílaba avulsa (3 b). Todavia o problema está em (3e). Apesar de a sílaba final estar protegida pela extrametricidade, uma sílaba tem de ser pulada para que se forme adequadamente um pé mórico. Ficam, pois, duas sílabas fora da estrutura métrica.

Em Hayes (1955, p. 385), diferentemente de Halle na Vergnaud(1987), o Princípio de Maximização, segundo o qual uma cadeia de sons deve ser maximamente analisada pelas regras métricas, com o qual estão relacionados

outros princípios como o Licenciamento Prosódico (Itô 1986) e Strict Layer Hypóthesis (Nespor and Vogel 1987), não é uma explicação geral para os fatos. Dois mandamentos sobrepõem-se: a Fidelidade à Restrição da Coluna Continua e a Fidelidade aos Pés Canônicos, assim denominamos o que autor chama proibição à supergeração de pés. A primeira impede a mudança de um asterisco na grade para uma posição não-asteriscada no nível imediatamente precedente, por razões de choque acentual; a segunda impede criar qualquer tipo de forma não-canônica de pé em nível de superfície.

Mas o contra argumento que vem sendo apresentado à análise do tipo representado em (3), é a regra de síncope que atingiu palavras latinas com acento na terceira sílaba que, na passagem para as línguas românicas, perderam a sílaba intermediária, como pode ser visto em Jacobs (1990) ou apreciado em fenômeno similar no português arcaico (Quednau 2000) e em dados atuais do português brasileiro (Bisol 2000).

Referindo-nos apenas ao português de nossos dias, ao comparar (3d) e (3e), pergunta-se por que a síncope atinge igualmente a posição fraca de um pé em (3d), *abóbora* > *abobra*, e a sílaba avulsa em (3c) *fósforo* > *fosfro*, quando se esperaria que essa fosse prioritariamente atingida, em virtude de ter sido ignorada pela estrutura métrica? Qualquer tentativa de resposta que tenha por instrução fundamental (2) entrará por caminhos equivocados. Vejamos, valendo-nos tentativamente da Incorporação, reinterpretando (3b) e (3e) em (4):

| | | | | | |
|---------|--------|-----------|------------|------------|--------------|
| (4) b. | al to | po len ta | pe des tre | car tei ro | |
| | ⇔ Υ | Υ ⇔ | Υ Υ | ⇔ Υ | ⇔ ⇔ Υ |
| Linha 0 | (*) | (*) | (*) | (*) | Linha 1(2i) |
| | (* .) | (* .) | (* .) | (* .) | Incorporação |
| | (*) | (*) | (*) | (*) | Regra Final |

| | | | | | |
|---------|------------|-----------|-----------|-----------|------------------|
| e) | fós.fo. ro | lâm pa da | vér.ti.ce | pór ti co | |
| | <σ> | <σ> | <σ> | <σ> | Extrametricidade |
| | Υ Υ Υ | ⇔ | Υ Υ | ⇔ Υ Υ | ⇔ Υ Υ |
| Linha 0 | (*) | (*) | (*) | (*) | Linha 1(2i) |

| | | | | | | |
|----|----------|----------|----------|----------|--------------|-------------|
| | (* . .) | (* . .) | (* . .) | (* . .) | Incorporação | |
| (* |) | (* |) | (* |) | Regra Final |

Embora (4b) crie um troqueu irregular previsto pela teoria de Hayes, a regra (2) que descreve o sistema do português em termos de pés móricos não reconhece como bem formadas as estruturas métricas abaixo da linha

pontilhada em (4b), porque o pé original passa, por incorporação, a conter três moras: duas da sílaba pesada e uma da sílaba leve incorporada. Por definição, um troqueu mórico inclui apenas duas moras.

Da mesma forma não reconhece como bem formadas as estruturas abaixo da linha pontilhada em (4e) que exibem pés com quatro moras: uma sílaba pesada que vale duas moras e duas sílabas leves. O que acabamos de ver são exemplos de supergeração de pés, totalmente proibido na teoria que exige fidelidade aos pés canônicos.

Assim sendo, a análise de (4e) que permitiria explicar a síncope de uma forma simples, pois atingiria tanto o membro fraco de um pé da base, *abóbora* quanto o membro fraco de um pé derivado, tardiamente formado, *fósforo*, fere princípios básicos. O extramétrico incorporado cria estruturas não previstas. Note-se mais uma vez que a *Incorporação* só é admitida quando *obeys the basic constraints of foot structure* e que o *parsing* exaustivo não é uma exigência da teoria (Hayes, 109-110). Por conseguinte (4e) que, para satisfazer *parsing*, cria troqueus silábicos, não previstos pelas regras básicas (2), que somente geram troqueus móricos, é rejeitada. Diante disso, a análise mórica mais apropriada é (3), na linha exposta, que, todavia, como vimos, não deixa abertura para a generalidade que se busca alcançar na expressão da síncope referida, em virtude de abranger indistintamente o membro fraco de um pé e uma sílaba avulsa.

2 Versão Final : Os troqueus e a relação de Elsewhere

Passemos, agora, à adequada reeleitura da proposta de (1994), à luz de Hayes. O domínio é a palavra lexical e a aplicação das regras é cíclica em não-verbos e não-cíclica em verbos. A extrametricidade está marcada no léxico em não-verbos e é dada por uma regra geral em verbos. Para detalhes, remetemos ao artigo referido. As regras no estilo de Halle and Vergnaud são as seguintes:

(5) Regras de acento pelo modelo Halle & Vergnaud

- i) Atribua um asterisco à sílaba pesada final
- ii) Nos demais casos, forme um constituinte prosódico, binário, de cabeça à esquerda, não iterativamente, da direita para a esquerda.

Incluídas as informações de domínio e extrametricidade, contidas em (5), embora não explicitadas, a versão de Hayes toma a seguinte expressão:

(6) Regras de acento pelo modelo de Hayes

Domínio: Palavra lexical. Aplicação cíclica em não-verbos; não cíclica, em verbos.

Os problemas apontados anteriormente desaparecem. E a síncope das proparoxítonas pode ser dada por uma regra geral, não alcançada na análise mórica. Veja-se em (7d,e) a análise dos dados de (3d,e), oferecendo contexto similar para a síncope que *apaga o membro fraco de um pé métrico*, independentemente de o acento incidir em sílaba leve como em *abóbora* ou pesada como em *fósforo*.

(8) Síncope

$$\sigma \rightarrow \text{[B / (* __) \sigma]} \text{ não- verbos}$$

Leia-se : Apague a sílaba que ocupa a posição fraca de um pé , quando seguida de outra sílaba à fronteira de uma palavra.

Embora de aplicação restrita a dialetos populares, (8) é uma regra de origem antiga que vem se mantendo viva e que tem a característica de estabelecer elos entre as diferentes etapas da história da língua.

Voltando às regras de acento, expostas em (6), é importante observar que dão conta de palavras com acento por peso silábico, formando um pé mórico somente quando a sílaba pesada se encontrar em posição final, como em *pomar* e *nariz*. Nos demais casos, opera a regra geral, formando um *troqueu silábico* que, por definição, não olha para o peso da sílaba, operando tanto em *carta* e *lasca* como em *cata* e *laca*.

As duas regras estão em relação de *Elsewhere Condition*. A mais restrita, o troqueu mórico, tem prioridade de aplicação. Se for satisfeita em dado contexto, o troqueu silábico não tem vez. Se o mórico não encontrar contexto, então o troqueu silábico, a regra *default*, aplica-se. Dessa relação nasce a explicação do fato de não existirem palavras do tipo **pédestre*, **córrente*, **cárteiro*: Em palavras como tais, não há contexto para o mórico na posição final, então o troqueu silábico se forma da direita para esquerda coincidindo sempre a posição fraca do pé com a sílaba não ramificada da palavra: *pedéstre*, *corrénte*, *cartéiro*. Na posição forte do troqueu silábico tanto pode ocorrer uma sílaba ramificada, *carta*, *beira*, quando uma sílaba simples, *casa*, *mala*, mas na posição fraca, em função dessa relação de *Elsewhere*, somente ocorre a sílaba não ramificada.

Sumariando, demos por findo esse pequeno artigo: O acento primário é atribuído por duas regras que, na linha de Halle and Vergnaud, assim se expressa : atribua acento por peso inerente à sílaba ramificada final e nos demais casos forme um constituinte binário de cabeça à esquerda, não-iterativamente, a partir da direita. Na linha de Hayes, essa proposta toma a seguinte expressão: Construa um troqueu mórico se a palavra terminar em sílaba pesada e, nos demais casos, construa um troqueu silábico, a partir da direita, sem iteração. O pé mórico é a regra específica; o troqueu silábico, a regra geral.

REFERÊNCIAS

Bisol, L. O acento e o pé binário. *Letras de Hoje*; Leda Bisol (org) , nº98. Porto Alegre p. 25-42, 1994.

Bisol, L. O troque silábico no sistema fonológico. Um adendo ao artigo de Plínio Barbosa. *DELTA* vol.16, nº 02 p.403-413, São Paulo. 2000.

Halle, M. and Vergnaud, J.R. *An essay on stress*. Cambridge, Mass. MIT Press, 1987.

Hayes, B. *Metrical Stress Theory. Principles and Case Studies*. Chicago, the University Chicago Press, 1995.

Itô, J. *Syllable Theory in Prosodic phonology*. Doctoral dissertation. University of Massachusetts, 1986.

Jacobs, H. Latin enclitic stress revised. *Linguistic Inquiry* v.28, nº 4 p. 648-661, 1997.

Nespor, M. & Vogel, I. *Prosodic Phonology*. Doctoral dissertation. University of Massachusetts, 1986.

Quednau, L. *O acento do latim ao português arcaico*. Tese de doutorado, PUCRS, 2000.